

AGRICULTUR

Melhorar a competitividade dos pequenos produtores

A hortifruticultura é uma atividade típica de pequena escala de produção, principalmente porque é altamente dependente de mão de obra, do plantio até o beneficiamento do produto. Apesar de o setor ser amplamente representado por pequenos produtores, isso não os isenta de enfrentar muitos problemas para se manter no negócio. A dificuldade de acesso a crédito, a mercados e a tecnologias de produção mais modernas que poderiam elevar a qualidade e a produtividade de suas safras são alguns desses desafios. Em setores como a bataticultura e a citricultura, muitos pequenos produtores já deixaram a atividade, que paulatinamente tem se concentrado em propriedades médias e grandes.

Mas o pequeno produtor também pode ter vantagens advindas da melhor eficiência da mão de obra, principalmente quando a família está no dia-

-a-dia das atividades. As grandes propriedades de frutas, por exemplo, têm de gerir um contingente de mão de obra muito elevado, o que normalmente reduz o rendimento hora-homem. Além disso, a mão de obra familiar tem mais flexibilidade para se adaptar às condições de manejo e de sazonalidade da produção do que a contratada.

Outro fator que também conta favoravelmente à pequena propriedade gerida pela família é o cenário atual de redução na oferta de mão de obra para o setor, principalmente nos polos produtores localizados nas proximidades de grandes centros de consumo.

A **Hortifruti Brasil** avalia nesta edição a representatividade da pequena propriedade na produção dos seus produtos-alvo (seis frutas e seis hortaliças) e discute alternativas para torná-la mais sustentável economicamente.



A FAMILIAR

é a forma mais sustentável de mantê-los no campo

QUAL É O TAMANHO DA “PEQUENA PROPRIEDADE”?

Para estimar a representatividade da produção de pequena escala, a equipe da **Hortifruti Brasil** parte de dados referentes ao tamanho das propriedades e assume, ainda que se reconheçam as limitações dessa orientação metodológica, similaridade entre pequena propriedade e produção de pequena escala.

Informações sobre o tamanho das propriedades foram extraídas do último Censo Agropecuário, realizado em 2006 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Por sua vez, a classificação aqui adotada para propriedade pequenas e médias/grandes levou em conta a metodologia do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) que trabalha com módulos fiscais. O Incra reconhece que um estabelecimento rural é pequeno quando tem até quatro módulos fiscais.

O tamanho do módulo varia de município para município e, nesta análise, para a obtenção do tamanho máximo de uma propriedade considerada pequena, ou seja, que tenha até quatro módulos fiscais, foi feita, inicialmente, uma média do módulo fiscal dos municípios de quatro das cinco macrorregiões do Brasil: Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. O Norte não foi analisado nesta pesquisa por não ter representatividade na oferta dos produtos acompanhados pela **Hortifruti Brasil**.

A média obtida foi, então, multiplicada por quatro, o que permitiu identificar de forma aproximada o número de pequenas propriedades – aqui extrapoladas para produções de pequena escala. As propriedades médias/grandes, por sua vez, são aquelas que têm mais de quatro módulos fiscais.

CLASSIFICAÇÃO DO TAMANHO DAS PROPRIEDADES AGRÍCOLAS

REGIÃO

Tamanho da propriedade	NORDESTE E CENTRO-OESTE	SUDESTE E SUL
Pequena	até 200 hectares	até 50 hectares
Média/Grande	mais de 200 hectares	mais de 50 hectares



PEQUENA PROPRIEDADE DOMINA A PRODUÇÃO DE FRUTAS FRESCAS NO SUDESTE

À exceção da laranja, grande parte das frutas produzidas no Sudeste – especialmente banana, mamão, manga e uva – vem de propriedades com até quatro módulos fiscais (50 hectares). Conforme o IBGE, essas propriedades respondem por quase 100% da área colhida. No caso da laranja, também segundo o Instituto, ainda que 99% das propriedades citrícolas do Sudeste tenham até 50 hectares, a participação desse grupo na área total cultivada é menor, de 68%. O que diferencia a laranja das demais frutas é a presença de médias e grandes unidades de produção direcionadas para atender a indústria paulista de suco.

Quanto às hortaliças, o mesmo ocorre com o tomate voltado para o processamento. A maior parte das indústrias do Sudeste também está localizada em São Paulo e, apesar do menor número de propriedades classificadas como médias/grandes (23% do total), esse grupo responde por mais da metade do volume processado.

No caso da comercialização de hortifrutícolas para a indústria, o ganho em escala costuma ser o principal foco do produtor. Além disso, o produto voltado para a indústria, normalmente, vale menos que o comercializado *in natura*, pressionando o produtor a ter elevado volume e

baixo custo. Isso explica o perfil das propriedades quanto ao tamanho. Outro fator que justifica a presença das médias e grandes propriedades é o fato de as próprias indústrias selecionarem um número reduzido de fornecedores, principalmente de maior porte, com o intuito de reduzir os custos de transação e logística.

Apesar de o seu maior destino ser o consumo *in natura*, outra cultura cuja produção está sendo cada vez mais concentrada em propriedades de média e grande escalas é a batata. Com exceção do Sul de Minas, onde ainda prevalecem os pequenos produtores, as demais regiões (São Paulo e Cerrado Mineiro) atualmente concentram sua produção em propriedades de médio e grande portes. Comparando-se os dois últimos censos agropecuários do IBGE (1995 e 2006), constata-se que as propriedades produtoras de batata de pequena escala passaram de 56% da área colhida no Sudeste em 1995 para 31% após 11 anos. A alta volatilidade de preços entre uma safra e outra somada ao aumento dos custos de produção descapitalizaram mais os pequenos produtores do que os médios e grandes, expulsando muitos da atividade. O melhor acesso ao crédito e a produtividade mais elevada, combinados ainda à mecanização de algumas atividades, também contribuíram para a concentração do setor em médias e grandes propriedades.

Sudeste: participação de pequenas e de médias/grandes propriedades

Cultura	Tamanho da propriedade	% no total de estabelecimentos	% no total produzido (t)
Alface	Pequena	91%	94%
Alface	Média/Grande	9%	6%
Batata	Pequena	82%	31%
Batata	Média/Grande	18%	69%
Cebola	Pequena	84%	71%
Cebola	Média/Grande	16%	29%
Cenoura	Pequena	88%	50%
Cenoura	Média/Grande	12%	50%
Frutas – Banana, Mamão, Manga e Uva	Pequena	100%	100%
Frutas – Banana, Mamão, Manga e Uva	Média/Grande	0%	0%
Laranja	Pequena	99%	62%
Laranja	Média/Grande	1%	38%
Tomate (estaqueado)	Pequena	89%	72%
Tomate (estaqueado)	Média/Grande	11%	28%
Tomate rasteiro (industrial)	Pequena	77%	48%
Tomate rasteiro (industrial)	Média/Grande	23%	52%

Obs: No Sudeste, considerou-se pequena propriedade aquela com até 50 hectares. Os dados de participação foram arredondados.

Fonte de dados básicos: Censo Agropecuário IBGE (2006)
Elaboração: Hortifruti Brasil/Cepea

CADA FAMÍLIA TEM UMA MARCA.
A NOSSA É COMPARTILHAR O QUE
FAZEMOS DE MELHOR COM A SUA.



Sakata. Há mais de 90 anos valorizando o homem e o campo com as melhores sementes para horticultura e floricultura.



SAKATA



ORGANIZAÇÃO DOS PRODUTORES E ALTO CONSUMO REGIONAL MANTÊM A PEQUENA PROPRIEDADE NO SUL

Entre as quatro regiões analisadas, é no Sul que as pequenas propriedades têm maior participação na oferta de hortifrutícolas. Mais de 90% das produções de banana, uva, laranja, cebola e alface nesta região são provenientes de pequenas propriedades.

Um dos fatores que auxiliam a manutenção dessa estrutura é maior organização dos produtores em associações e cooperativas, favorecendo a compra de insumos mais baratos e a venda em maior escala. Outro aspecto favorável é que a região Sul é uma grande consumidora de hortifrutícolas, permitindo que até mesmo uma propriedade de pequena escala consiga acessar diferentes canais de escoamento da produção sem elevados custos logísticos.

A exceção é, novamente, a cultura da batata. Também no Sul, as médias e grandes propriedades têm maior participação na oferta. Isso ocorre porque há, atualmente, polos de alta tecnologia de produção como Água Doce (SC) e Guarapuava (PR) que abastecem não só a região Sul do País, mas também o Sudeste, tendo como estrutura de produção propriedades de média escala. Já em outras regiões produtoras de batata, como Curitiba (PR) e Rio Grande do Sul, propriedades de pequeno porte continuam tendo maior participação.

Outro polo de destaque por sua competitividade nacional e internacional no Sul do País é o de maçã, especialmente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Boa parte da produção dessa fruta vem de pequenas propriedades. Esses produtores podem comercializar sozinhos, via cooperativa ou através de grandes empresas do setor, que também produzem a fruta. Quando o pequeno produtor é associado a uma cooperativa, ele possui a vantagem de ter assistência técnica, insumos mais baratos, infraestrutura de armazenagem e classificação, além da garantia de comercialização do seu produto.

No caso da maçã de Santa Catarina – maior produtor nacional –, há duas regiões produtoras e com escalas distintas. Uma é Fraiburgo, onde estão localizadas grandes e importantes empresas participantes da cadeia no estado, e a outra é São Joaquim, onde prevalecem os produtores pequenos. É interessante notar que o impacto da menor rentabilidade dos últimos anos sobre a redução de área na temporada 2011/12 foi mais expressivo na região de Fraiburgo (propriedades de maior porte) do que em São Joaquim (menor porte). Isso porque a maçã é uma das culturas mais rentáveis entre as opções que pequenos produtores têm na região de São Joaquim, o que faz com que muitos se mantenham na atividade mesmo com a menor rentabilidade nos últimos anos.

Sul: participação de pequenas e de médias/grandes propriedades

Cultura	Tamanho da propriedade	% no total de estabelecimentos	% no total produzido (t)
Alface	Pequena	94%	93%
Alface	Média/Grande	6%	7%
Batata	Pequena	93%	46%
Batata	Média/Grande	7%	54%
Cebola	Pequena	94%	90%
Cebola	Média/Grande	6%	10%
Cenoura	Pequena	93%	81%
Cenoura	Média/Grande	7%	19%
Frutas – Banana, Laranja e Uva	Pequena	100%	100%
Frutas – Banana, Laranja e Uva	Média/Grande	0%	0%
Maçã	Pequena	98%	64%
Maçã	Média/Grande	2%	36%
Tomate (estaqueado)	Pequena	93%	86%
Tomate (estaqueado)	Média/Grande	7%	14%

Obs: No Sul, considerou-se pequena propriedade aquela com até 50 ha. Os dados de participação foram arredondados.

Fonte de dados básicos: Censo Agropecuário IBGE (2006)
Elaboração: Hortifrutí Brasil/Cepea



PEQUENA ESCALA DE PRODUÇÃO NÃO É EMPECILHO PARA SER COMPETITIVO

É importante ressaltar que o Incra considera como módulo fiscal no Nordeste uma área maior do que nas regiões Sul e Sudeste.

Assim, a pequena propriedade nordestina pode ter até 200 hectares – quatro vezes mais que no Sul e Sudeste. Por essa razão, a participação das pequenas propriedades na produção de frutas e hortaliças no Nordeste é elevada, exceto, como em outras regiões, no caso da batata.

Aliás, é no Nordeste que a batata apresenta o maior grau de concentração, com 1% das médias e grandes propriedades sendo responsáveis por 82% da produção. As grandes propriedades localizam-se na Chapada Diamantina (BA). Essa estrutura se justifica porque a produção acaba sendo concentrada nas poucas áreas do Nordeste onde é viável produzir batata. Assim, produtores têm que apresentar escala elevada para tornar viável a estrutura integrada de produção, beneficiamento e distribuição a longas distâncias.

Outro importante polo no Nordeste, de alta tecnologia

de produção, encontra-se no Vale do São Francisco, onde são produzidas frutas de elevada qualidade, direcionadas a mercados exigentes como os da Europa e Estados Unidos. Os destaques são a uva e a manga.

É interessante notar que essa região conseguiu quebrar o paradigma de que a pequena escala é menos competitiva que a grande. Um estudo realizado pelo Cepea e publicado pela **Hortifruti Brasil** na edição de agosto de 2010 (Uva - Gestão Sustentável) revelou que o custo de produção da uva destinada ao mercado externo no Vale do São Francisco era menor em unidades de pequena escala do que em médias ou grandes. A justificativa é que o patrimônio envolvido nas propriedades médias e grandes aliado à numerosa mão de obra empregada elevam o custo de produção. No entanto, assume-se que aquele estudo considerou somente a diferença de escala de produção, de modo que os pequenos produtores analisados possuíam o mesmo nível tecnológico (independente da escala). É importante ressaltar que o estudo de 2010 considerou-se que, no Vale do São Francisco, a propriedade de pequena escala possuía 12 hectares; a média de 35 a 60 hectares e a grande acima de 250 hectares.

Nordeste: participação de pequenas e de médias/grandes propriedades

Cultura	Tamanho da propriedade	% no número total estabelecimentos	% no total produzido (t)
Alface	Pequena	99%	100%
Alface	Média/Grande	1%	0%
Batata	Pequena	99%	18%
Batata	Média/Grande	1%	82%
Cebola	Pequena	97%	92%
Cebola	Média/Grande	3%	8%
Cenoura	Pequena	98%	95%
Cenoura	Média/Grande	2%	5%
Frutas – Manga, Uva, Banana e Mamão	Pequena	100%	100%
Frutas – Manga, Uva, Banana e Mamão	Média/Grande	0%	0%
Tomate (estaqueado)	Pequena	97%	77%
Tomate (estaqueado)	Média/Grande	3%	23%
Tomate rasteiro (industrial)	Pequena	95%	80%
Tomate rasteiro (industrial)	Média/Grande	5%	20%

Fonte de dados básicos: Censo Agropecuário IBGE (2006)
Elaboração: Hortifruti Brasil/Cepea

Obs: No Nordeste, considerou-se pequena propriedade aquela com até 200 ha. Os dados de participação foram arredondados.



GRANDES EMPREENDIMENTOS ELEVAM O TAMANHO DA PROPRIEDADE HORTIFRUTÍCOLA NA REGIÃO

No Centro-Oeste, a classificação adotada para pequena propriedade é semelhante à do Nordeste. Mesmo assim, observa-se que as propriedades de média e grande escalas, especialmente em Goiás, têm maior participação na produção de hortifrutícolas de destaque, como a batata, cebola e tomate industrial.

A área de produção de hortaliças no Cerrado brasi-

leiro cresceu expressivamente nos últimos anos, impulsionada principalmente pela entrada de grandes grupos empreendedores, que têm concentrado a produção regional. Sobretudo em Goiás, os investimentos das grandes empresas representam a maior parte da área cultivada. Paralelamente, as condições climáticas e geográficas também possibilitam a intensa mecanização dos hortifrutícolas. O que se vê é que, nessa região, é essencial escala elevada para se compensarem os custos logísticos, o que acaba por diminuir muito a competitividade da produção em pequena escala.

Centro-Oeste: participação de pequenas e de médias/grandes propriedades

Cultura	Tamanho da propriedade	% no número total estabelecimentos	% no total produzido (t)
Alface (toneladas)	Pequena	94%	100%
Alface	Média/Grande	6%	0%
Batata	Pequena	93%	8%
Batata	Média/Grande	7%	92%
Cebola	Pequena	83%	0%
Cebola	Média/Grande	17%	100%
Cenoura	Pequena	93%	96%
Cenoura	Média/Grande	7%	4%
Tomate (estaqueado)	Pequena	94%	90%
Tomate (estaqueado)	Média/Grande	6%	10%
Tomate rasteiro (industrial)	Pequena	81%	30%
Tomate rasteiro (industrial)	Média/Grande	19%	70%

Fonte de dados básicos: Censo Agropecuario IBGE (2006)
Elaboração: Hortifruti Brasil/Cepea

Obs: No Centro-Oeste, considerou-se pequena propriedade aquela com até 200 ha. Os dados de participação foram arredondados.

É IMPORTANTE QUE HAJA UMA POLÍTICA ESPECÍFICA PARA O HORTIFRUTICULTOR DE PEQUENA ESCALA DE PRODUÇÃO

Para o produtor rural ter acesso às linhas de crédito destinadas especialmente à agricultura familiar – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) –, que tem taxas de juros abaixo do mercado, é preciso que sua propriedade não exceda quatro módulos fiscais. Mas isso não basta. A receita bruta anual obtida por todos os membros da família com atividades no estabelecimento rural e fora dele deve ter sido de até R\$ 110 mil nos 12 meses anteriores à obtenção da Declaração de Aptidão ao Pronaf - levando em conta que os fruticultores podem ter um rebate na sua renda de até 50% e os olericultores de 70%. Além disso, o produtor não pode possuir mais de dois funcionários contratados fixos na propriedade. A mão de obra contratada sazonalmente

não é incluída nesta conta, somente os funcionários fixos formalizados. Mesmo assim, esses dois critérios, especialmente quanto ao número de funcionários, limitam muito o acesso de hortifruticultores de pequena escala às linhas do Pronaf, porque o setor é intensivo em mão de obra e em capital.

Na hortifruticultura, ainda que seja muito comum os membros da família se envolverem com as atividades de produção, há necessidade de mais mão de obra. Na maioria das vezes, é preciso a contratação de mais de dois funcionários permanentes. Esse critério limitante, portanto, deve ser revisito para as culturas hortifrutícolas de pequena escala.

Outro aspecto é o faturamento da atividade. Como os custos da hortifruticultura por hectare são muito elevados,

muitas vezes, a renda bruta anual fica acima da determinada pelo Pronaf, excluindo a possibilidade da obtenção de crédito via esse Programa. Além disso, por conta dos custos altos da atividade, a demanda por crédito oficial é muito acima da oferecida pelas linhas do Pronaf ou mesmo para custeio aos “não-pronafianos”. Assim, na maioria das vezes, o pequeno produtor de fruta ou hortaliça depende do custeio privado, principalmente das revendas de insumos, que cobram taxas de financiamento maiores.

No geral, os critérios atuais do Pronaf não estão bem adequados aos hortifruticultores de pequena escala. Seria necessário que os limites de crédito fossem ampliados e houvesse um rebate no número de funcionários para o setor, a exemplo do que ocorre com o faturamento dos fruticultores.

Por outro lado, encontram-se também alguns casos de hortifruticultores que, apesar de estarem aptos a acessar o programa, não o utilizam. Na maior parte das vezes, isso ocorre porque não conhecem os seus detalhes. É preciso que os produtores que estão aptos avaliem as diferentes linhas do Pronaf e as acessem. Os produtores familiares de cebola do Sul beneficiários do Pronaf conseguiram, na temporada passada, desconto na sua dívida por conta da baixa rentabilidade e, com isso, nesta temporada tiveram uma rentabilidade melhor.

Com o crescimento dos diversos setores da economia

nacional, a oferta de mão de obra na agricultura tende a diminuir e, com isso, a tornar-se mais cara. Nesse cenário, a estrutura de produção conduzida principalmente pela mão de obra familiar pode ser um fator importante para minimizar os custos inclusive em médias e grandes propriedades que podem adotar o sistema de parceria com produtores de pequena escala. Nesse caso, o produtor de maior porte entra com uma estrutura mais consistente de comercialização e o de pequeno, com a mão de obra familiar, que tende a apresentar um comprometimento elevado com a produtividade do trabalho. Assim, é importante que a legislação trabalhista reconheça que a relação de parceria é distinta da que se tem com a terceirização da mão de obra.

Em suma, é necessária uma política adaptada à realidade da pequena escala de produção hortifrutícola – que representa quase a totalidade do setor. Paralelamente a uma política de crédito adequada ao setor, a sustentabilidade econômica dos pequenos produtores requer também maior acesso a tecnologias de produção e a mercados. Sem dúvida, a organização desses produtores em cooperativas ou associações, se bem geridas, pode ser uma forma eficaz para que amplie sua competitividade. No geral, o hortifruticultor de pequena escala com acesso a tecnologia e a mercados pode garantir a viabilidade econômica do seu negócio, mantendo-se firme no setor ao longo do tempo.■

LANÇAMENTO

FIQUE TRANQUILO USANDO COPPERCROP™

CopperCrop™ fortalece e protege seu cultivo naturalmente, porque possui cobre bioativo, que é mais eficiente na proteção.

- Participa de processos fisiológicos, como fotossíntese e respiração.
- Auxilia no Manejo Integrado de Doenças.
- Maior liberação e disponibilização



Resultado da inovadora tecnologia RESS (Rápido, Eficiente, Sistemico e Seguro) confere ao produto máxima qualidade no fornecimento de Cobre (Cu) promovendo melhor desempenho às plantas.

IMPROCROP®
uma empresa Alltech

www.improcrop.com.br